

TRUMP-HARRIS: A GUERRA NA UCRÂNIA VAI MUITO ALÉM DE QUEM VENCER A ELEIÇÃO

Por Kelley Beaucar Vlahos*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Ucrânia está perdendo a guerra, independentemente de quem vier a ocupar a Casa Branca, e a pergunta é: alguém vai acabar com ela antes que o tempo se esgote?

“**A** barbárie está na cédula”, disse o colunista George Will esta semana, observando que se o próximo presidente não transformar a política atual sobre a Ucrânia, que é “*tão tímida, hesitante e sujeita a calibragens presidenciais minuciosas*”, então a guerra de Vladimir Putin da Rússia pode acabar sendo um “grande ensaio” para a Terceira Guerra Mundial.

Enquanto isso, o *New York Times* disse que “*dois futuros diferentes se aproximam*” para a Ucrânia, dependendo do resultado da eleição de terça-feira, Kamala Harris ou Donald Trump.

Muito disso se baseia na retórica dos candidatos e, no caso de Harris, na política atual do governo Biden de apoiar a Ucrânia com armas e ajuda pelo “*tempo que for preciso*” para derrotar a Rússia. Harris sugeriu que continuaria com essa política, para “*permanecer firme com a Ucrânia e nossos aliados da OTAN*”, se eleita. Ela também acusou Donald Trump de ser muito próximo de Putin e disse que não falaria com o presidente russo.

De sua parte, Trump disse que colocaria todos os lados na mesa e acabaria com a guerra em um dia, e criticou a ajuda contínua dos EUA à Ucrânia, que totalizou

cerca de US\$ 175 bilhões (US\$ 106 bilhões dos quais foram diretamente para o governo ucraniano) desde 2022. Ele não deu detalhes sobre como acabaria com a guerra ou uniria as partes.

Mas isso importa? De certa forma, sim, dizem especialistas em política externa à *Responsible Statecraft*. Um lado quer garantir que a estratégia dos EUA não mude, o outro defende uma mudança ousada, senão abrupta, que envolva um passo atrás da narrativa que George Will demonstra, de que Putin é um bárbaro que só pode ser interrompido com mais guerra.

Esses mesmos especialistas dizem que a Ucrânia está perdendo, e mais armas e mais combates não vão ajudar. Eles também apontam que a Washington oficial está começando a perceber isso também, assim como a Europa, e uma mudança em direção à diplomacia provavelmente acontecerá, não importando quem estará na Casa Branca em janeiro de 2025.

“No final das contas, a guerra na Ucrânia será determinada pelo equilíbrio de poder no terreno. Esse fato básico muitas vezes se perde em conversas sobre a guerra. Independentemente de Kamala Harris ou Donald Trump vencerem amanhã, os ucranianos estão enfrentando uma situação extremamente terrível na frente, com a ofensiva russa continuando a minar as linhas defensivas da Ucrânia em Donetsk e sua escassez de mão de obra se tornando um problema maior a cada dia que a guerra passa”, diz Daniel DePetris, analista de política externa e colunista regular do Chicago Tribune.

“Não acho que o resultado da eleição terá um impacto decisivo na guerra na Ucrânia. A Ucrânia está perdendo território na taxa mais rápida desde o início da guerra, e seu principal problema é a mão de obra, não a falta de armas”, diz Jennifer Kavanagh, diretora de análise militar da Defense Priorities.

“Após a eleição, Kiev terá que mudar sua estratégia independentemente de quem vencer, porque sua abordagem atual não é sustentável”, acrescenta ela.

Além dos problemas de recrutamento, a Ucrânia está sofrendo com muitas baixas, baixo moral e agora deserção. A Rússia também sofreu perdas maciças, mas é um país muito maior e ainda não se mobilizou totalmente devido às pressões públicas contra o recrutamento. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky tentou compensar pedindo armas mais sofisticadas de longo alcance e a capacidade de dispará-las mais para dentro da Rússia, mas os EUA têm resistido e são o fator decisivo nesse pedido.

“Independentemente de quem vencer, o próximo presidente americano enfrentará duras realidades na Ucrânia que exigirão uma mudança nas políticas atuais de Biden. Os russos superam em muito os ucranianos e produzem muito mais material militar do que a Ucrânia e seus apoiadores ocidentais”, ressalta George Beebe, diretor do programa Grand Strategy do Quincy Institute.

“Como resultado, a Ucrânia não pode vencer uma guerra de atrito com a Rússia e está indo, mais cedo ou mais tarde, mais tarde, em direção a um colapso geral, na

ausência de um acordo diplomático para encerrar a guerra ou de uma decisão dos EUA de entrar em guerra com a Rússia.”

Enquanto isso, por mais solidária que tenha sido a liderança europeia, as eleições em toda a região, particularmente na Alemanha — o segundo maior fornecedor de armas da Ucrânia — refletiram a exaustão pública com a guerra, devido em grande parte aos seus impactos econômicos visíveis. As sanções à Rússia não “esmagaram” a economia ou o esforço de guerra de Moscou, mas tiveram efeitos negativos nos preços de energia europeus.

“Manter o curso atual seria uma fórmula para a Ucrânia se tornar um estado fracassado, com a Europa lançada em crescente desordem como consequência”, observa Beebe.

“A guerra está chegando a um alto preço para todos os envolvidos”, diz John Gay, diretor da John Quincy Adams Society, observando que, independentemente de quem vença na terça-feira, a Europa precisa começar a tomar decisões importantes por si mesma — em parte, o quanto pode fazer por sua própria segurança se e quando o apoio dos EUA começar a diminuir.

“A Europa precisa ser capaz de deter a Rússia e derrotar uma invasão russa com pouco apoio direto dos EUA”, diz ele. “A meta atual da OTAN de 2% do PIB para defesa é adequada para isso?”

Então, quais são algumas das diferenças que cada candidato pode trazer para o Salão Oval em janeiro?

“Não estou convencido de que Harris irá contrariar o establishment da segurança nacional, seus conselheiros e líderes democratas no Congresso pressionando repentinamente pelo fim da guerra na Ucrânia. Espero mais do mesmo se ela vencer”, acusa o ex-analista da CIA Michael DiMino.

“Um governo Trump provavelmente terá um impacto muito maior na trajetória futura do conflito. Mas, como sempre digo: pessoal é política”, acrescenta.

“Se Trump vencer, haverá um impulso inicial para um acordo de paz. Ele não atenderá a todas as demandas da Rússia, mas a Rússia ainda pode aceitar provisoriamente, na esperança de que a Ucrânia (e a Polônia) as rejeite, e Trump então abandonará a Ucrânia”, diz Anatol Lieven, chefe do programa Eurasia do Quincy Institute.

“Teremos então que ver se Trump e sua administração têm a habilidade e a resistência para conduzir um processo de negociação complicado e tenso.”

“Se Harris vencer”, acrescenta Lieven, “ela também buscará a paz, mas o processo será muito mais lento e hesitante, os termos oferecidos à Rússia serão muito piores, e a Rússia continuará desgastando os ucranianos na esperança de uma vitória militar esmagadora.

“Neste caso, tudo dependerá do progresso da guerra no terreno e se, para tentar evitar um colapso ucraniano, Harris estaria disposta a escalar drasticamente”, diz Lieven.

“Qualquer um que diga que sabe o que Donald Trump faria sobre a Ucrânia está mentindo ou delirando. O próprio Trump não sabe”, diz Justin Logan, diretor de Estudos de Defesa e Política Externa do Cato Institute.

“Kamala Harris seria liderada por seus conselheiros, que provavelmente virão da escola de política externa do refeitório do Brookings (Instituto)”, acrescenta. “Trump seria fortemente influenciado por seus próprios conselheiros. A questão é quem serão esses conselheiros.”

No mínimo, Trump e Harris deveriam ser suficientemente alérgicos a políticas que poderiam escalar a guerra de maneiras que tornariam a paz impossível.

“Nenhum presidente dos EUA, republicano ou democrata, deveria estar ansioso para despejar dezenas de bilhões de dólares por ano, para sempre, na fornalha ucraniana”, diz Gay. “Ambos os lados estão escalando o conflito de novas maneiras — trazendo a Coreia do Norte, buscando regras de alvos mais flexíveis e muito mais. Nenhum presidente dos EUA deveria estar ansioso para ver até onde a escalada pode ir antes que o conflito se espalhe além da Ucrânia.”

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Kelley Beaucair Vlahos é diretora editorial da Responsible Statecraft e consultora sênior do Quincy Institute.*
